



AVALIANDO O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DA CRIANÇA POR MEIO DA PSICOGÊNESE

Marcela de Menezes Silva¹
Joseval dos Reis Miranda²

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal compreender qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização. Como metodologia de pesquisa, foi priorizada a abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso, fazendo uso das ferramentas de observação participante e testes da Psicogênese. A pesquisa foi realizada com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica e a professora da turma. Buscamos apoio teórico nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999), Grossi (1990a, b, c), Morais (2012), e entre outros, que contribuíram para as discussões escritas neste trabalho. Os resultados desta pesquisa mostram que a Psicogênese da língua escrita contribui de forma significativa no desenvolvimento dos alunos. Observamos que a professora da turma conhece em que nível de aprendizagem cada criança se encontra, pois, realiza os ditados como forma de identificar as fases da escrita, bem como, aplica atividades que envolvem a leitura e a escrita, que vêm contribuindo para a evolução dos educandos.

Palavras-chave: Psicogênese da língua escrita. Alfabetização. Professor alfabetizador.

1 INTRODUÇÃO

A referente pesquisa surgiu a partir de um trabalho desenvolvido como atividade avaliativa na disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental, em que tivemos que realizar uma avaliação psicogenética, na turma que estávamos fazendo Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Durante a disciplina, realizamos a avaliação da psicogênese com todos os alunos da turma, em seguida analisamos em que nível de aprendizagem segundo Esther Pillar Grossi (1990a) cada aluno se encontrava, para então, pensar em sugestões de atividades que fizessem os alunos referentes em cada etapa se desenvolver.

O tema nos chamou atenção e curiosidade por ser algo de suma importância, pois, por meio da psicogênese da língua escrita, o educador consegue identificar os níveis de aprendizagens de seus educandos e desenvolver práticas e atividades que possam auxiliar esses alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Pensar em formas de alfabetizar é pensar na maneira de aprendizagem pela qual a criança adquire a língua escrita. Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) na década de 1980 trouxeram à tona os processos em que a criança passa, até atingir a etapa da alfabetização. Tendo como base a teoria Piagetiana de que a aquisição do conhecimento deve se basear pela

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Professora da Educação Básica, mah1997.mm@hotmail.com

² Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação, josevalmiranda@yahoo.com.br



atividade da criança mediante ao objeto de estudo. Ferreiro e Teberosky (1999) dividiram a etapa de aquisição da escrita alfabética em fases. Para o professor, é importante conhecer essas etapas para alfabetizar seus alunos, é de grande relevância ter o conhecimento acerca dessas fases de modo que ele venha conhecer melhor seu aluno.

A teoria da Psicogênese da escrita revolucionou os debates acerca da alfabetização, quando Ferreiro e Teberosky (1999), descobriram em sua pesquisa que antes mesmo de adentrar a escola as crianças já pensam sobre a escrita, que pode ser representada por rabiscos, desenhos e ente outros.

A apropriação da língua escrita se trata de um processo complexo e que requer certo tempo, envolve a compreensão dos signos ortográficos, bem como a função social da escrita. Desse modo, nossa pesquisa tem como objetivo geral, compreender qual a contribuição da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização. A seguir apresentamos o nosso caminho metodológico desenvolvido.

2 METODOLOGIA

O ato de pesquisar é de suma importância para todo educador, pois, a busca por determinada temática gera compreensão e reflexão, por meio da pesquisa temos conhecimento acerca de questões sociais, culturais, tecnológicas e entre outras. Conforme Gil (2002, p. 17) afirma:

A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2002, p. 17)

A pesquisa é importante para resolvermos nossas indagações e dúvidas sobre determinado assunto, por meio dela conseguimos descobrir novos conhecimentos e soluções para as problemáticas levantadas.

A escolha da pesquisa é importante em um estudo, mediante aos objetivos elencados deste trabalho, escolhemos trabalhar com a abordagem de pesquisa qualitativa, que segundo Godoy (1995, p 21), “[...] um fenômeno é melhor compreendido no contexto em que ocorre e faz parte”. Dessa forma, a pesquisa qualitativa busca ir ao encontro com o objeto do estudo.

Desse modo, a pesquisa deste trabalho foi realizada na escola de Educação Básica – EEBAS, com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, ocorreu durante 24 horas, sendo subdividida em observação, aplicação dos testes da psicogênese da escrita e entrevista



semiestruturada com a professora da turma. Para esse artigo trazemos as informações geradas somente por meio das nossas observações e pela aplicação dos testes da psicogênese.

Inicialmente, conversamos com a coordenadora pedagógica da escola, no qual ela autorizou e em seguida com a professora da turma, ambas se propuseram a ajudar, além de esclarecer possíveis dúvidas. A receptividade de ambas foi fator determinante nesta pesquisa. Ficou combinado que a pesquisa ocorreria apenas nas terças-feiras, pois, em outros dias da semana havia estagiárias na sala de aula juntamente com a professora, e para não ficar um ambiente muito cheio, combinamos nas terças.

Realizamos nesta pesquisa os testes da psicogênese com ditados de oito palavras, sendo duas monossílabas, duas dissílabas, duas trissílabas e duas monossílabas e uma frase contendo palavras já ditas no ditado. Segundo a publicação do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de pesquisa e Ação - GEEMPA, (1986, p. 30):

Aplicar o ditado seria fundamental, tendo em vista que “o conhecimento pormenorizado dos níveis pelos quais passa cada criança, durante o processo de aprendizagem de cada conteúdo, constitui elemento indispensável ao professor, aliado à sensibilidade de sintonizar com a reação típica de cada aluno”. (GEEMPA, 1986, p. 30)

Diante disso, o ditado permite ao professor conhecer o nível de seu aluno e com isso buscar maneiras de trabalhar os conteúdos com base nesses níveis a fim de fazer com que o aluno progrida e avance em seu processo de ensino e aprendizagem, por esta razão, escolhemos esse instrumento para a coleta de informações. Desse modo, fizemos quatro testes com ditado para avaliar os níveis psicogenéticos dos alunos da nossa pesquisa, sendo um acompanhamento inicial, intermediário e final.

3 O QUE É PSICOGÊNESE: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

Segundo o dicionário Aurélio a Psicogênese: “é a parte da psicologia que se ocupa em estudar a origem e o desenvolvimento”, ou seja, a gene do conhecimento. A psicogênese da língua escrita surgiu quando Ferreiro e Teberosky, na década de 1980, realizaram uma pesquisa acerca do desenvolvimento da escrita, no qual, ficou um ano em escolas em Buenos Aires na capital da Argentina, tendo como base a teoria de Piaget de que todo conhecimento possui uma origem e que a aquisição do conhecimento deve se basear pela atividade do sujeito com o objeto de estudo.

Segundo o pensamento de Ferreiro e Teberosky (1999), todo conhecimento tem uma gênese, ou seja, uma origem. Depreendemos por psicogênese, como sendo processo de compreensão de como cada aluno representa sua escrita, como organiza seu pensamento e que



cada código de sua escrita, representa algo, ou seja, possui significados para quem escreve.

Diante disso Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam:

[...] Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou maldisposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 11).

A psicogênese da língua escrita leva em consideração que a criança antes de se adentrar ao ambiente formal de leitura e escrita que é a escola, já possui um conhecimento, pois faz parte de um mundo letrado, e essa escrita pode ser observada através de vários signos linguísticos, seja por desenhos, rabiscos ou a escrita em si.

Para que o professor desempenhe bem o seu papel, ele precisa conhecer seu aluno, saber suas dificuldades e facilidades e compreender qual o nível de aprendizagem das crianças. A Psicogênese da escrita possibilita esse aprofundamento nessas questões, na medida em que ele é facilitador na identificação da fase em que o aluno se encontra para que assim, possa trabalhar com base nesses conhecimentos.

Ao decorrer do tempo e do estímulo, a criança vai se desenvolvendo, estando em contato com os sinais gráficos, Ferreiro e Teberosky (1999), definiram que até chegar à alfabetização a criança passa por quatro níveis: nível de escrita pré-silábica, nível de escrita silábica, nível de escrita silábico-alfabética e nível de escrita alfabética.

No nível de escrita pré-silábica, a criança não consegue relacionar correspondência entre as letras escritas com o som da língua falada. Para ela, a escrita e o desenho têm o mesmo significado, além de acreditar que não seja possível escrever uma palavra usando menos de 3 (três) letras. Bem como, relaciona a escrita com o tamanho do objeto referente, o que chamamos de realismo nominal (acredita que coisas grandes têm um nome grande, e coisas pequenas um nome pequeno).

No nível de escrita silábica segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), a criança começa a compreender que a escrita representa os sons falados, neste nível ela já consegue utilizar uma letra para cada sílaba, e diferentemente do nível de escrita pré-silábica, já há um entendimento de que não é preciso usar muitas letras para escrever.



Já no nível de escrita silábico-alfabética, também chamada de hipótese silábica, neste nível a criança já tem avançado em contrapartida aos níveis anteriores, pois, a mesma já compreende os sons da fala, e sabe que é necessária mais de uma letra para formar uma sílaba.

No nível de escrita alfabética, a criança já conhece a utilidade de todas ou quase todas as letras, separa as sílabas na escrita de frases, entende que cada letra equivale aos menores valores sonoros da sílaba, começa a se preocupar com as dificuldades da ortografia e compreende a importância da escrita na comunicação.

Após todas essas etapas, já pode considerar que a criança compreendeu a escrita, porém, ela começa a enfrentar novas dificuldades, as da ortografia, a criança começa a se questionar o porquê há uma diferenciação na forma que falamos para a que escrevemos.

Para uma criança recém-chegada no nível de hipótese alfabética, cada letra representa um som, porém, uma letra como o “R” por exemplo, tem variados sons, cabendo ao professor trabalhar durante o processo de aprendizagem esses aspectos do sistema alfabético.

Sendo assim, quando a criança conclui todas estas etapas, ela já se encontra alfabetizada, porém, ainda há barreiras e quebras acerca das regras normativas da escrita (Ortografia), em que ela superará durante o seu processo de escolarização. A seguir trazemos reflexões baseadas nos estudos sobre as etapas da evolução da escrita propostas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999).

4 NÍVEIS DA PSICOGÊNESE DA ESCRITA SEGUNDO EMÍLIA FERREIRO E ANA TEBEROSKY

Para que o professor desempenhe bem o seu papel, ele precisa conhecer seu aluno, saber suas dificuldades e facilidades e compreender qual o nível de aprendizagem das crianças. A Psicogênese da escrita possibilita esse aprofundamento nessas questões, na medida em que ele é facilitador na identificação da fase em que o aluno se encontra para que assim, possa trabalhar com base nesses conhecimentos.

Ao decorrer do tempo e do estímulo, a criança vai se desenvolvendo, estando em contato com os sinais gráficos, Ferreiro e Teberosky (1999), definiram que até chegar à alfabetização a criança passa por quatro níveis: nível de escrita pré-silábica, nível de escrita silábica, nível de escrita silábico-alfabética e nível de escrita alfabética.

No nível de escrita pré-silábica, a criança não consegue relacionar correspondência entre as letras escritas com o som da língua falada. Para ela, a escrita e o desenho têm o mesmo significado, além de acreditar que não seja possível escrever uma palavra usando menos de 3 (três) letras. Bem como, relaciona a escrita com o tamanho do objeto referente, o



que chamamos de realismo nominal (acredita que coisas grandes têm um nome grande, e coisas pequenas um nome pequeno).

No nível de escrita silábica segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), a criança começa a compreender que a escrita representa os sons falados, neste nível ela já consegue utilizar uma letra para cada sílaba, e diferentemente do nível de escrita pré-silábica, já há um entendimento de que não é preciso usar muitas letras para escrever.

Já no nível de escrita silábico-alfabética, também chamada de hipótese silábica, neste nível a criança já tem avançado em contrapartida aos níveis anteriores, pois, a mesma já compreende os sons da fala, e sabe que é necessária mais de uma letra para formar uma sílaba.

No nível de escrita alfabética, a criança já conhece a utilidade de todas ou quase todas as letras, separa as sílabas na escrita de frases, entende que cada letra equivale aos menores valores sonoros da sílaba, começa a se preocupar com as dificuldades da ortografia e compreende a importância da escrita na comunicação.

Após todas essas etapas, já pode considerar que a criança compreendeu a escrita, porém, ela começa a enfrentar novas dificuldades, as da ortografia, a criança começa a se questionar o porquê há uma diferenciação na forma que falamos para a que escrevemos.

Para uma criança recém-chegada no nível de hipótese alfabética, cada letra representa um som, porém, uma letra como o “R” por exemplo, tem variados sons, cabendo ao professor trabalhar durante o processo de aprendizagem esses aspectos do sistema alfabético.

Sendo assim, quando a criança conclui todas estas etapas, ela já se encontra alfabetizada, porém, ainda há barreiras e quebras acerca das regras normativas da escrita (Ortografia), em que ela superará durante o seu processo de escolarização.

A seguir trazemos reflexões baseadas nos estudos de Morais (2012), ele mostra as etapas da evolução da escrita propostas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) em uma perspectiva mais atual.

5 NÍVEIS DA PSICOGÊNESE DA ESCRITA SEGUNDO ARTUR GOMES DE MORAIS

Em seu livro Sistema de Escrita Alfabética, Artur Gomes de Morais (2012), pesquisou sobre as relações do processo de alfabetização e letramento e a necessidade de se estudar um desenvolvimento sistemático de ensino. Em sua pesquisa, ele buscou identificar as condições didáticas em que as crianças estão aprendendo o sistema de escrita alfabética, para em seguida defender a aprendizagem desse sistema através de procedimentos de leitura e escrita.



Segundo Morais (2012, p. 45), “é preciso entender que a tarefa do alfabetizando não é aprender um código, mas, sim, se apropriar de um sistema notacional”. Morais (2012) segue a mesma linha de pensamento de Ferreiro e Teberosky (1999) na divisão dos níveis de apropriação da escrita da criança, como veremos a seguir.

Na fase pré-silábica, a criança não compreende os sons da língua falada, e não consegue fazer a distinção entre desenho e escrita, entretanto, com o mundo mais globalizado, e com os acessos tecnológicos atuais, o qual muitas crianças estão em contato, ela tende a escrever rabiscos parecidos com letras cada vez mais cedo, pois, tem a percepção que são o que usamos para escrever.

Nesta fase pré-silábica, a criança mistura rabiscos de letras, números, ou até mesmo criam letras novas. Muitas crianças nesta fase já sabem que diferentes palavras não são escritas do mesmo jeito, por isso, tendem a utilizar-se do já falado acima “realismo nominal” (escreve borboleta com poucas letras por ser um animal pequeno, e boi com muitas letras por ser um animal grande). De acordo com Morais (2012):

As tentativas de diferenciar entre si as palavras que escrevem, tal como acontece com as palavras que veem ao seu redor, faz as crianças formularem dos tipos de hipóteses originais, nunca ensinadas pelo adulto e que cedo foram descritas por Ferreiro e Teberosky (1979): a hipótese de quantidade mínima e a de variedade. (MORAIS, 2012, p. 56).

Na hipótese de quantidade mínima, a criança acredita que só podemos escrever palavras se a mesma tiver pelo menos três letras, já na hipótese de variedade, a criança acredita que não se podem ter letras iguais em uma mesma palavra.

Já na fase silábica, a criança começa a notar a pauta sonora das palavras, ela acredita que para cada sílaba pronunciada em uma palavra se coloca uma letra, algumas crianças iniciam na série da alfabetização já nesta etapa. Morais (2012), fala que no meio pedagógico brasileiro é comum analisar as escritas dos alunos dividindo em dois subgrupos: silábicas quantitativas e qualitativas.

Na silábica quantitativa, a criança se utiliza de uma letra para cada sílaba pronunciada, porém essas letras não condizem em nada com a palavra notada, já na qualitativa, ela se utiliza de uma única letra para cada sílaba, entretanto com valor sonoro.

Na fase silábico-alfabética, a criança tem a consciência que é necessária colocar mais de um caractere para formar uma sílaba, o nível de exigência passa a ser maior, pois, a criança precisará aprender além das vogais, as consoantes e seus sons. É uma fase conflituosa, na qual haverá ainda muitos erros ortográficos, pois, terá letras que a criança ainda não conhecerá seu valor sonoro.



Já na fase alfabética, as crianças alcançaram o ponto final do processo de apropriação da escrita, entretanto, ainda comete muitos erros ortográficos, pois a criança tende a acreditar que cada letra possui apenas um som. Isso ocorre, muitas vezes porque há palavras mais difíceis de ser encontrada em um texto, para superar esse conflito, a criança precisa conhecer os diferentes tipos de letras e seus valores sonoros.

Sendo assim, cabe ao professor, se utilizar de trabalhos de leitura e escrita com o aluno, e não apenas se contentar com o fato dele já ter atingido o nível alfabético. Além de permitir que a criança utilize da escrita como forma de expressão.

6 NÍVEIS DA PSICOGÊNESE DA ESCRITA SEGUNDO ESTHER PILLAR GROSSI

Esther Pillar Grossi (1990a, b, c) pesquisou acerca dos níveis da construção da escrita da criança, inspirada nas ideias de Ferreiro e Teberosky (1999), entretanto, diferente de Ferreiro e Teberosky, Esther dividiu os níveis de apropriação da escrita em: nível pré-silábico, nível silábico e nível alfabético, subdividindo o nível pré-silábico em dois níveis: pré-silábico I e pré-silábico II.

Na década de 1990, a autora Esther Pillar Grossi lançou três importantes livros sobre as didáticas para os níveis de escrita: Didática dos Níveis Pré-silábicos, Didática do Nível Silábico e Didática do Nível alfabético. Suas pesquisas se deram na década de 1980 em que, juntamente com o seu grupo de Estudos pesquisavam sobre crianças de comunidades carentes do Rio Grande do Sul, projeto denominado de “Alfabetização em classes populares”.

Seu grupo de pesquisa GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de pesquisa e Ação), tinha como objetivo de alfabetizar crianças de classes populares, como relata GROSSI, (1990, p. 28):

O Geempa não se contenta com os critérios desenvolvidos pelas Secretarias de Educação para decidir ou não sobre o êxito da alfabetização, pois está essencialmente preocupado com o desenvolvimento de estruturas cognitivas que permitam à criança a conhecer o mundo, construindo-o, inventando-o permanentemente. (GROSSI, 1990, p. 28).

No nível Pré-silábico I, a criança supõe que a escrita é uma forma de desenho e se utiliza de desenhos e rabiscos para escrever, para ela, leitura é interpretar as imagens. As crianças neste nível, não compreendem palavras escritas e nem letras isoladas, as letras são objetivos que nada tem a ver com escrita.

Já no nível pré-silábico II, a criança começa a perceber que se pode escrever com as letras, utilizando assim, a letra inicial do seu nome para formar palavras, e palavras diferentes



ele utiliza de outros caracteres, para a criança neste nível, só se leem palavras se a mesma tiver três letras ou mais (hipótese da quantidade mínima de letras).

No nível pré-silábico II, a criança ainda não compreende que a escrita representa os sons da língua falada, não se pode repetir letras em uma única palavra, além de acreditar que a escrita representa os objetos e não seus respectivos nomes: coisas pequenas têm nomes pequenos e coisas grandes têm nomes grandes (realismo nominal).

Já no nível silábico, a criança começa a desvincular a escrita de imagens, e começa a pensar numa ordem de letras para as palavras, utilizando muitas vezes uma única letra por sílaba, ou quando é escrita de frase, se utilizar de uma letra para cada palavra. O conflito maior neste nível é o da leitura, pois, não saber ler o que escreveu gera dúvidas se está escrevendo corretamente.

Por fim, no nível alfabético, a criança compreende que cada uma das letras da escrita corresponde a valores menores que a sílaba, consegue diferenciar letras de sílabas. Neste nível ela já tem a percepção que para compor uma sílaba pode se utilizar mais de um caractere, porém, ainda precisa vencer as barreiras da separação de palavras em uma frase.

A criança em seu processo de desenvolvimento de leitura e escrita precisa estar em contato com instrumentos que proporcionem a vivência com a leitura e escrita. Dessa forma, ratificamos que se faz necessário que o professor tenha conhecimento do desenvolvimento de cada aluno para poder planejar suas atividades. Para o professor saber em que nível seu aluno se encontra ele precisará fazer diagnósticos periódicos, como veremos no tópico a seguir.

7 O TRABALHO DO PROFESSOR COM A PSICOGÊNESE DA ESCRITA

Os estudos sobre a Psicogênese provocam muito debate acerca da Alfabetização, pois, esta teoria propôs uma mudança na maneira de se compreender a escrita, porém, a implementação dela no dia a dia de sala de aula é dificilmente utilizada. Como Moraes (2012, p. 73) relata “Muitas vezes professores que se dizem “construtivistas”, no dia a dia, continuam usando o método silábico ou fônico para ensinar seus alunos a ler e a escrever”.

É comum, vemos professores empregando métodos tradicionais de alfabetização, usando da escrita como um código, no qual são transmitidos pelo professor ou autor de cartilhas, que de maneira rápida e mágica os alunos “aprendem” a ler e escrever.

Já em outros casos, em muitas salas de aula, como relata Moraes (2012), vem se instalando um discurso segundo o qual as crianças, espontaneamente, aprenderiam a ler, desde que pudessem participar de situações onde se lesse e escrevesse textos, cotidianamente, não



sendo preciso trabalhar com palavras e suas unidades menores (sílabas e letras), porque as crianças, “cada uma no seu ritmo”, descobririam “sozinhas” como a escrita funciona.

Para tanto, os resultados no que diz respeito à alfabetização com este tipo de crença tem sido baixo, tendo em vista que para a criança ter domínio em leitura e na escrita ela precisa conhecer o sistema de escrita alfabética e se apropriar do mesmo por meio das correspondências letra-som.

Quando o professor faz o ditado de palavras e a frase, constata em que nível de aprendizagem aquele aluno se encontra, há a dúvida: o que eu vou fazer? Como avaliar meu aluno para que ele venha avançar?

Possibilitar momentos de escrita é de suma importância para se trabalhar com a teoria psicogenética, o professor com este trabalho saberá e acompanhará o desenvolvimento de cada aluno realizando por meio da sondagem.

Utilizando-se de um ditado com palavras monossílabas (palavra com uma sílaba), palavras dissílabas (palavra com duas sílabas), palavras trissílabas (palavra com três sílabas), palavras polissílabas (palavra com quatro ou mais sílabas) e uma frase.

Para isso, há algumas atividades em que o professor possa trabalhar em sala de aula com os alunos, sendo o mesmo assunto (temática abordada), porém com atividades diferenciadas para desenvolver cada nível de aprendizagem.

Essa avaliação Psicogenética é de suma importância, pois, por meio dela o professor vai estar em contato com o aluno no que diz respeito, ao conhecimento do que esse aluno tem dificuldade e do que ele tem facilidade, constatar em que fase de aprendizagem cada aluno se encontra, e por meio disso pensar em possíveis atividades que possibilitem o avanço do aluno em cada fase da Psicogênese.

O professor tem um papel fundamental nesse processo, ele deve desafiar os alunos, provocando-os para o avanço, não se podem propor atividades onde apenas os silábicos e alfabéticos consigam resolver e deixar os demais esquecidos, pois, todos os alunos de todos os níveis precisam de estímulos, para isso, as atividades precisam ser desafiantes.

O professor também pode desenvolver atividades a partir de ferramentas e materiais que os alunos têm contato, como por exemplo, os desenhos animados, pedindo para que os alunos possam produzir algo a partir disso. Deve-se também propiciar atividades de socialização com os alunos de todos os níveis. Além de, buscar não dar respostas prontas para os alunos, e sim, questioná-los e desafiá-los para que eles venham refletir acerca da resposta. A seguir, apresentamos os dados gerados na nossa pesquisa.



8 RESULTADOS E DISCUSSÃO: MUDANÇAS APRESENTADAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Durante o processo de aquisição da língua escrita, a criança vai passando por várias fases podendo ter tanto, avanços como recuos até dominar por completo o código linguístico. Cada criança chega lá em seu devido tempo, este fato é individual, porém, acessível a interações sociais, podendo acontecer no ambiente escolar ou familiar.

A fim de diagnosticar os níveis das crianças assim que adentraram a turma de alfabetização no início do ano letivo, aplicamos o teste com a produção da escrita inicial com a turma, utilizando duas palavras monossílabas, duas dissílabas, duas trissílabas, duas polissílabas e uma frase. Para esse artigo tomaremos como exemplo a avaliação da psicogênese do aluno “A”³. A produção do aluno A foi a seguinte:

Figura 1 – Produção inicial do aluno A



Fonte: Arquivo Pessoal dos Pesquisadores

O aluno A, de acordo com os níveis psicogenéticos de Ferreiro e Teberosky (1999), estaria no nível silábico, pois, ele já tem uma compreensão de que para se formar uma sílaba, utilizamos mais de um caractere, mesmo ainda misturando entre usar um, dois ou três caracteres para cada sílaba pronunciada.

Já de acordo com os níveis apresentados por Grossi (1990a), esse aluno, apresenta características do nível pré-silábico II, pois, para ele, uma palavra só pode ser considerada palavra se tiver três letras ou mais, o que Grossi (1999a) chamou de hipótese da quantidade mínima de letras. Podemos observar essa hipótese, nas palavras (pé) e (fé), em que o aluno A em ambas escreve três caracteres, mesmo a palavra tendo apenas duas letras.

³ Aqui utilizaremos o nome Aluno A com a finalidade de preservação da sua identidade.

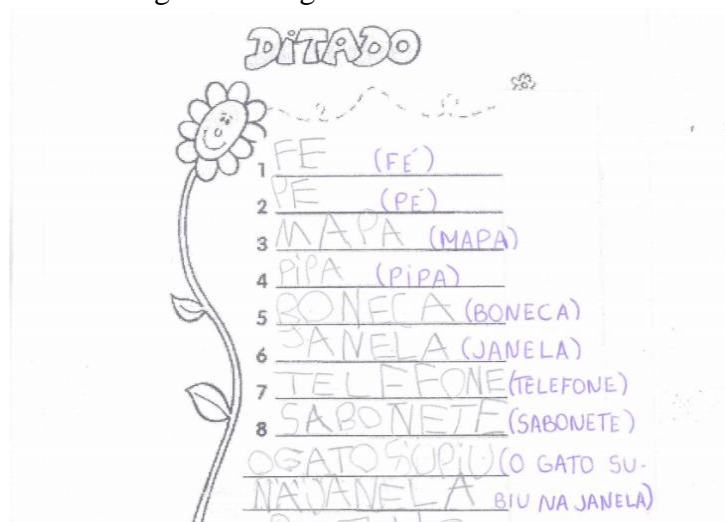


Na escrita da frase, o aluno, utilizou a letra inicial da frase “O”, em seguida, colocou a letra “I” que representa a palavra “menino” e por fim, escreveu “boa” que representa o objeto “bola”.

Durante os testes psicogenéticos aplicados na turma, observamos avanços em todos os cinco alunos (participantes da pesquisa) que escolhemos para fazer esta análise, todos avançaram em sua maneira, uns mais que outros. Aqui daremos continuidade a observação a produção do aluno “A”.

Iniciaremos analisando as mudanças apresentadas pelo aluno A, que na produção inicial (Figura 1) estava no nível de escrita pré-silábico II de acordo com Grossi (1990a) e no nível silábico de acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), já na segunda produção, ele deu um salto e já aparece no nível alfabético Grossi (1990c), como podemos observar na figura a seguir:

Figura 2 – Segundo ditado do aluno A

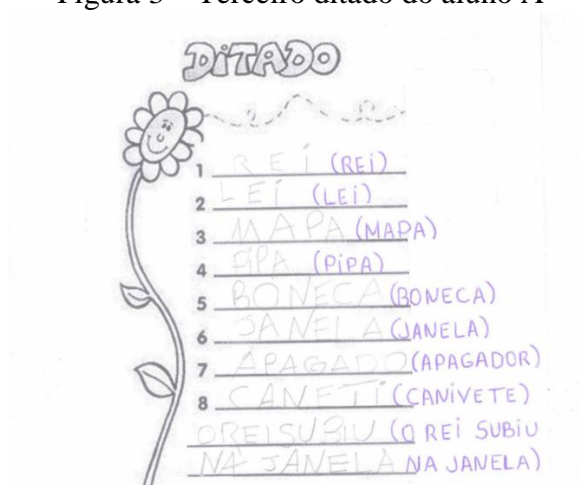


Fonte: Arquivo Pessoal dos Pesquisadores

Como podemos observar, na segunda produção, o aluno A já se encontra no nível alfabético, ele escreveu as palavras do ditado corretamente, e sua única dificuldade foi na separação de palavras na escrita da frase, característica do nível alfabético.

Esse mesmo resultado se deu no terceiro e quarto testes aplicados, em que o aluno, escreveu as palavras corretamente, errando apenas alguns detalhes, e na frase não segmentou uma palavra da outra, como veremos nas figuras:

Figura 3 – Terceiro ditado do aluno A



Fonte: Arquivo Pessoal dos Pesquisadores

Figura 4 – Quarto ditado do aluno A



Fonte: Arquivo Pessoal dos Pesquisadores

Do segundo ditado para o quarto, não observamos evolução, ele alcançou o nível alfabético, porém, ainda comete pequenos equívocos na escrita de algumas palavras, e ainda não separa as palavras da frase, porém, houve evolução da produção inicial para a produção final.

Reafirmamos a evolução nos cinco alunos escolhidos para a análise de suas produções, isso se deu, muito pelo trabalho em que a professora da turma vem realizando e que podemos identificar a seguir no próximo tópico.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase da alfabetização é uma das principais etapas na vida do aluno, pois, nela que é dado o início da construção de novas aprendizagens que envolvem o sistema de apropriação da leitura e da escrita. A pesquisa teve como objetivo geral compreender qual a contribuição



da Psicogênese como procedimento avaliativo no desenvolvimento da escrita de crianças no processo de Alfabetização.

Pudemos constatar as mudanças apresentadas por esses alunos ao longo dos ditados realizados, em que ao final da pesquisa dos cinco alunos, quatro alcançaram a etapa de escrita alfabética. Vimos também possibilidades de atividades em que o professor alfabetizador pode trabalhar em sala de aula a fim de desenvolver a escrita das crianças, por meio de jogos educativos, leituras e atividades multidisciplinares.

A escola em si, a professora da turma e os alunos forma bastante receptivos, o que de fato contribuiu para a realização da nossa pesquisa. Os ditados foram realizados de modo que não atrapalhasse com o andamento das aulas da professora, ocorrendo tudo da maneira em que planejamos no início.

Ratificamos a necessidade do preparo do professor para o conhecimento acerca da Psicogênese da escrita, também se faz necessário um trabalho do professor e de profissionais das escolas para lidar com as diferenças, tendo em vista que as maiores dificuldades da professora da turma e nossa enquanto pesquisadora foi como realizar a atividade com o aluno que tem autismo. Como saber se ele está compreendendo o que está sendo estudado se ele não aceita fazer as atividades propostas.

Portanto, acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para os professores que atuam na classe de alfabetização, bem como alunos do curso de Pedagogia quem tenham o interesse pela área da alfabetização, a fim de realizar o trabalho com a Psicogênese da Língua Escrita com os alunos em suas salas de aula.

REFERÊNCIAS

- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GEEMPA. **Alfabetização em classes populares**. 2 ed. Porto Alegre: Kuarup, 1986.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização do nível alfabético**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, volume 3, 1990c.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização do nível pré-silábico**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, volume 1, 1990a.
- GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização do nível silábico**. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, volume 2, 1990b.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.